

# TRANSFORMAÇÕES GEOHISTÓRICAS DAS ÁGUAS EM CAMPINA GRANDE-PB

*Tháise Araújo FERREIRA<sup>1</sup>*

*Luiz Eugênio Pereira CARVALHO<sup>2</sup>*

1. Graduada em Geografia - Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. E-mail: [isa.syco@hotmail.com](mailto:isa.syco@hotmail.com).
2. Professor Associado da Unidade Acadêmica de Geografia - Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. E-mail: [luizeugenio-carvalho@gmail.com](mailto:luizeugenio-carvalho@gmail.com).

## RESUMO

O estudo do passado dos espaços urbanos não foi tão evidenciado pela Geografia e as memórias dos lugares foram ficando esquecidas. Pesquisadores decidiram, então, ir à busca do passado para o entendimento do processo de construção do espaço presente. A Geografia Histórica é a parte da Geografia que vem se ocupando com essa tarefa. Com a cidade Campina Grande não foi diferente, há poucos trabalhos de geógrafos sobre a paisagem de tempos passados e/ou o processo de construção do espaço da cidade de hoje. maior parte das memórias foram esquecidas. Este trabalho tem por objetivo de fazer o resgate geohistórico dos corpos d'água de Campina Grande. Para que isto fosse possível, discutimos sobre Geografia Histórica, sobre o que são memórias e passado do lugar, a partir de Abreu (2014). Como metodologia, buscamos documentos e quaisquer registros referentes à história de Campina Grande com ênfase nas águas da cidade, utilizando as memórias registradas para serem analisadas. Por meio deste trabalho, resgatamos memórias relatadas por autores do passado, mostrando o princípio da cidade com um pequeno riacho, as suas secas, a importância das alternativas de combate às estiagens, os reservatórios e sua importância na construção da cidade, e os que eles representam para a população. A mudanças de representação das águas ao longo do processo histórico de construção da cidade deixam marcas no lugar Campina Grande de hoje.

**PALAVRAS CHAVES:** Geografia Histórica; Memória; Águas da Cidade; Açude Velho.

## RESUMEN

El estudio del pasado de los espacios urbanos no fue tan evidente por la Geografía y los recuerdos de los lugares han sido olvidados. Luego, los investigadores decidieron buscar el pasado para comprender el proceso de construcción del espacio presente. La geografía histórica es la parte de la geografía que ha estado ocupada con esta tarea. Campina Grande no fue diferente, hay pocos trabajos de geógrafos sobre el paisaje de tiempos pasados y / o el proceso de construcción del espacio de la ciudad hoy. La mayoría de los recuerdos han sido olvidados. Este trabajo tiene como objetivo realizar el rescate geohistórico de cuerpos de agua en Campina Grande. Para hacer esto posible, discutimos sobre Geografía histórica, sobre qué recuerdos y el pasado del lugar son, comenzando con Abreu (2014). Como metodología, buscamos documentos y cualquier registro que haga referencia a la historia de Campina Grande con énfasis en las aguas de la ciudad, utilizando los recuerdos grabados para ser analizados. A través de este trabajo, recuperamos recuerdos reportados por autores del pasado, que muestran el principio de la ciudad con un pequeño arroyo, sus sequías, la importancia de las alternativas para combatir las sequías, los embalses y su importancia en la construcción de la ciudad, y los que representar para la población. Los cambios en la representación de las aguas a lo largo del proceso histórico de construcción de la ciudad han dejado su huella en Campina Grande hoy.

**PALABRAS CLAVES:** Geografía Histórica Memoria; Aguas de la ciudad; Açude Velho.

## 1 INTRODUÇÃO

Como a formação espacial de uma cidade é construída através dos tempos em sua relação com as águas? Essa é a pergunta que move o desenvolvimento desse texto. O objetivo do trabalho é fazer o resgate geohistórico dos corpos d'água em Campina Grande. O desejo de fazer este resgate a partir de registros que tratam da questão dos corpos d'água em Campina Grande ao longo de sua história surgiu de estudos realizados no Grupo de pesquisas e estudos sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC) da Unidade Acadêmica de Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com a preocupação de resgatar o passado da cidade a partir das águas, sua natureza e seus usos.

Um fato de muita importância enfatizar, é que no Brasil conhecemos muito pouco sobre a história dos lugares e nossa "memória" espacial. A Geografia Histórica no Brasil tem contribuído para ampliar os estudos sob essa perspectiva. Mais especificamente sobre as cidades, Abreu (2014), nos traz no seu livro "Escritos sobre espaço e história", a grande necessidade que há, de se conservar a "memória urbana".

Atualmente, após a grande contribuição de muitos autores brasileiros, se tem ampliado, dentro das Ciências Geográficas, o conhecimento do passado das cidades no Brasil auxiliando na preservação e restauração dessas memórias. A nossa discussão sobre memória reforça a sua relação com a identidade do lugar, de cada lugar.

Com base na proposta de estudo, um riacho ou outro corpo d'água se caracteriza como algo que ainda permanece vivo, mesmo negado pela "cidade" continua fazendo parte da paisagem urbana. Mesmo sendo um marco para a cidade e ainda presente na paisagem urbana de Campina Grande, parece haver ainda um movimento de pouca valorização pela sociedade dos corpos d'água. Para nós, se faz importante ressaltar que o que se é visto na cidade acaba sendo melhor cuidado, aquilo que a cidade não vê, acaba sendo rejeitado.

Assim, parece-nos importante ressaltar o debate trazido por Carvalho (2011), baseado em Swyngedouw (2009), ao analisar a cidade como híbrido. Esse hibridismo entre sociedade e natureza, mas também entre materialidade e representação.

Não há nada "puramente" social ou natural na cidade, e ainda menos antissocial ou antinatural; a cidade é, ao mesmo tempo, natural e social, real e fictícia. Na cidade, sociedade e natureza, representação e ser são inseparáveis, mutuamente integrados, infinitamente ligados e simultâneos; essa "coisa" híbrida socionatural chamada "cidade" é cheia de contradições, tensões e conflitos. (SWYNGEDOUW, 2009 *apud* CARVALHO, 2011 p.44)

Na cidade, a sociedade e a natureza são um só, inseparáveis, simultâneos. Afinal, a cidade não é só construção de cimento é também natureza. É seu perfil geomorfológico elaborado pelo processo de drenagem das águas e suas construções e usos que consideram esse perfil.

No entanto, alguns corpos d'água aparecem representados de diferentes formas nos registros pesquisados. Nesses registros ficou evidente mais menções aos açudes da cidade. Assim, são esses os corpos d'água mais visibilizados pela sociedade de hoje e de ontem. Para voltar a ideia do hibridismo, essa representação é capaz de produzir diferentes formas de construção e uso desses corpos d'água hoje e ao longo dos tempos.

Assim, temos em Campina Grande exemplos de corpos d'água com diferentes graus de representatividade para a sociedade. Se por um lado, o Açude Velho aparece como o principal cartão postal de Campina Grande e apresenta como uma representação deste lugar e seus habitantes, por outro, o Riacho das Piabas, assim como outros rios urbanos presentes no Brasil foram negados pela cidade, não é visto como um corpo d'água valorizado, devido ao uso dele para o despejo de resíduos sólidos, esgoto.

Este texto, então, marca um primeiro esforço nosso sobre essa reflexão. Apresentamos o resgate geohistórico partindo de obras escritas sobre a história de Campina Grande e suas passagens sobre as águas da cidade. A tentativa é de apresentar a memória de Campina Grande sobre as águas, registrada em obras importantes sobre a cidade.

## **2 METODOLOGIA**

O estudo da cidade se faz muito necessário no contexto da Geografia Histórica. as cidades não vinham sendo estudadas como deveriam, e Abreu (2014) fala de como Monbeig tratava esse assunto, e para ele “a cidade possuía uma ‘alma’, e cabia ao geógrafo a tarefa de desvendá-la. Como método, a Geografia Histórica parte do estudo das memórias, como já mencionado no trabalho, a memória é:

Memória, como já sabemos, é uma categoria biológico-psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações. Não é neste sentido, entretanto, que pretendemos enfocá-la [...]. O que nos interessa aqui é discutir a memória como um elemento essencial da identidade de um lugar (ABREU, 2014, p. 33).

A memória sendo então ligada à capacidade de armazenamento possui duas dimensões para análise e estudo, que é memória individual e memória coletiva, que contribuem inteiramente para que se possa resgatar a memória das cidades, e uma depende da outra para ser discutida.

A memória individual está relacionada com as lembranças das pessoas, e tem uma importância fundamental no que se trata de resgatar a identidade dos lugares, e não é por menos, que alguns autores trazem que, no Brasil tem se difundido muito, técnicas de resgate da memória, como “histórias orais” e “memórias de velhos”.

Carregamos a memória individual conosco todos dias, porque estamos produzindo memórias a todo tempo, e também estamos vendo a transformação do nosso espaço geográfico sempre, que vai se modificando a partir de nossas necessidades ou não, e elas ficam armazenadas em nossas mentes, porém, se não houver registros, elas também irão ficando esquecidas.

Já a memória coletiva é diferente, visto que essas são mais fáceis de serem registradas e segundo Abreu (2014):

As memórias coletivas se eternizam muito mais em registros, em documentos, do que formas materiais inscritas na paisagem. São esses documentos que, ao transformar a memória coletiva em memória histórica, preservam a memória das cidades. São eles também que permitem que possamos contextualizar os testemunhos do passado que restaram da paisagem. (ABREU, 2014, p. 37)

A memória coletiva é mais próxima daquilo que estamos buscando com nosso trabalho, fazer esse resgate, a partir de documentos históricos sobre as transformações de Campina Grande, mais especificadamente sobre as águas da cidade.

E a partir da recuperação dessas memórias podemos garantir que a identidade do lugar nos pertença tanto hoje, no presente, quanto para as gerações futuras, o mesmo autor nos fala da grande importância da recuperação das memórias das cidades, e da sua relação direta com a preservação da identidade, sendo assim ele traz que.

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos), e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que podemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade. (ABREU, 2014, p. 40)

Aqui temos duas coisas fundamentais para este trabalho, que é através da recuperação daquilo que sobrou do passado, com documentos, e outros registros, e do que ainda continua fazendo parte do

cotidiano das cidades na atualidade, os riachos e os açudes fazendo então parte do passado e estando presente ainda hoje no nosso cotidiano, ressalta esta ideia da memória coletiva.

Falando sobre a Memória das Cidades, o autor nos mostra como a podemos definir, e “[...] se dizem respeito ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros de um determinado lugar, lembranças essas que são agora objeto de reaproximação por parte das sociedades.” (ABREU, 2014, p. 43). Essas lembranças que estão tanto expressas na paisagem como em vários documentos, mesmo assim foram ficando esquecidas.

Assim, como metodologia, o trabalho foi desenvolvido através da busca de livros consagrados na historiografia campinense para verificar quais as passagens que tratam das águas na cidade. Além dos livros, foram sistematizadas análises em outros tipos de documentos, tais como imagens, mapas, ou outras obras que trazem consigo a história da cidade e seu envolvimento com seus corpos hídricos

Os livros que utilizamos foram: “*Notas sobre a Parahyba*”, por Irenêo Joffily, “*História de Campina Grande*” por Elpídio de Almeida, “*A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História*” por Severino Cabral Filho, e “*Campina Grande hoje e amanhã*”, por Antônio Guedes Rangel Júnior (org.).

Recuperando os registros, foi possível perceber a construção da cidade e a transformação do lugar em sua relação com as águas. Assim, considerando o que foi encontrado, dividimos esse texto associados a três temas marcantes no processo de formação da cidade: seu surgimento, a seca, e o acesso à água.

### 3 TRANSFORMAÇÕES GEOHISTÓRICAS DAS ÁGUAS DE CAMPINA GRANDE

A história dos primeiros habitantes de muitas cidades brasileiras está no povoamento dos povos indígenas. Na história de Campina Grande não foi diferente, Lima et al. (2013) traz em seu capítulo no livro “Campina Grande hoje e amanhã” que,

Os primeiros povoamentos de Campina Grande ocorreram em fins do século XVII, quando se consolidou o aldeamento dos indígenas Ariú, fixados pelo capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo, às margens da represa de água, estendendo-se ao lado da capela, na rua principal (onde hoje está localizada a Catedral de Nossa Senhora da Conceição). (LIMA et al., 2013, p. 16).

As águas também têm grande importância para o início do povoamento do lugar Campina Grande:

A importância das águas pode ser verificada na história do município desde os seus primeiros povoamentos, assim como ocorreu em todo o processo de ocupação do atual Estado da Paraíba, onde os rios constituíram as principais vias de colonização do seu interior. A facilidade de circulação e a distribuição de águas condicionaram a ocupação das margens fluviais e produziram o “povoamento de ribeira”, isto é, a instalação de grandes fazendas de gado ao longo dos rios. (LIMA et al., 2013, p. 15)

Uma questão que é de grande importância ser levada em consideração, é que o começo da civilização ocorre às margens de um corpo d'água, os autores tratam de um povoamento desenvolvido desde os primórdios da colonização a partir de um riacho de água, o Riacho das Piabas, sendo assim, como em diversos outros lugares, o acesso à água foi fator para a permanência de povos na região.

Elpídio de Almeida (1979) aborda em sua obra “História de Campina Grande” um apanhado sobre diversos pontos da história da cidade. Durante quase um século, a Vila Nova da Rainha, como esse lugar era chamado, não houve crescimento considerável do povoamento, mesmo tendo condição natural favorável, como o autor aponta no trecho abaixo:

Até o começo de 1758 não existia nenhuma vila na capitania da Paraíba. As primeiras foram criadas no decorrer desse ano: Alhandra em maio, Pilar em setembro. Vieram depois Conde (1768), Pombal (1772), Traição e Monte-mor. Seguiu-se a Vila Nova da Rainha (1790), não falando na Vila Nova do Príncipe (Caicó) e Vila Nova da Princesa (Açu), ao tempo pertencentes à jurisdição da Paraíba.

Conservou-se Campina Grande como vila durante 74 anos. Nesse longo período, apesar da situação topográfica privilegiada, permaneceu estática, tão lento e insensível foi o seu crescimento. (ALMEIDA, 1979, p. 123)

Campina Grande teve seu surgimento através da sua importância como rota dos viajantes que vinham do sertão em direção a capital da província, sendo ela apenas uma vila. Em “Notas sobre a Parahyba” de Irineo Joffily (1892), afirma que:

Pela cidade de Campina Grande passavam todos os retirantes do sertão adjacente, o Cariry, e os que vinham além da Borborema, que se destinavam à capital da província. Era um lugar de parada para todos e de residência para muitos; mal acomodados em choupanas de ramos, estes e aqueles vivendo ao relento pelas calçadas, na maior confusão e aviltados pela maior miséria. (JOFFILY, 1892, p. 177)

Passavam, então, diversos viajantes pela localidade, e, devido as distâncias, buscavam uma localidade que fosse possível descansar, comer e até mesmo dormir. Aos poucos, este ambiente foi tornando-se lugar de residência, possibilitando, a partir daí, o surgimento de uma cidade.

No mesmo sentido, de acordo com Almeida (1979), Campina Grande teve a sua importância focada como ponto de ligação do sertão para a capital, mas surgiu também como ponto de parada dos tropeiros e de comércio pelo encontro de vários caminhos que ligavam as diferentes regiões da Província.

Campina Grande não era simplesmente um pouso, lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. [...] Tornou-se a praça dos escambos da Província. (ALMEIDA, 1979, p. 107)

A cidade se transformou num ponto obrigatório, porém não mais de passagem ou só descanso, neste momento já começa como ponto de comércio, onde já está sendo feitas as trocas, vendas e compras daquela época.

Assim, a presença da água que tornou possível o surgimento do povoamento e da dinâmica comercial que elevaria a Vila Nova da Rainha à condição de cidade nos fins do século XIX, a ausência em períodos de seca marcou também a sua história e a sua paisagem. A seca, como sabemos, é uma condição natural que acontece por vários fatores e não é “privilegio” apenas do lugar Campina Grande; Joffily (1892) comenta que:

A secca não é fenômeno privativo de qualquer paiz do globo, a historia nos fala do seu aparecimento até nas mais felizes regiões; e, antes dela, já havia a velha legenda européia de uma secca de 25 anos, acompanhada do tremor de terra que separou a Africa da Hespanha e a Sicilia do continente, [...] (JOFFILY, 1892, p. 171)

Este fenômeno natural, melhor representado quando se fala em estiagem, não é algo recente. Joffily (1892) ainda traz uma indagação muito atual dizendo que “o povo ainda ingênuo acreditava que o céu os castigavam por estar indignado”, porque até hoje ainda vemos pessoas jogando a “culpa” de não chover por desígnios divinos. Buscando explicar explicações a partir da dinâmica natural para contrapor a visão exclusivamente religiosa, ainda apresenta que ainda aponta a visão de outro autor sobre a mesma visão:

O phenomeno das seccas (...) é attribuido á direcção dos ventos, mas deve-se convir que esta explicação é insufficiente: porque seria preciso demonstrar ao mesmo tempo que não sente-se nunca dous ventos contrários nessas regiões, onde não cahe uma só gotta de chuva durante mezes ou mesmo um anno inteiro. (JOFFILY, 1892, p. 187)

No ano de 1877, Campina Grande já era cidade, houve registro de grande evento de seca, que transforma a paisagem e trouxe inúmeros estragos pra população. Os autores pesquisados trazem que:

A secca de 1877, de todas a mais horrorosa em seus efeitos, merece que nos preocupemos della na parte referente especialmente á Parahyba. (JOFFILY, 1892, p. 174)

A grande sêca de 1877, a maior que já assombrou o Nordeste sobreveio quando a população já estava quase esquecida dos terríveis efeitos da última calamidade, ocorrida 32 anos antes, interrompido êsse longo período, a espaços, por estiagens curtas, os repiquêtes, que não chegavam a transtornar a vida simples do dos habitantes da região.” (ALMEIDA, 1979, p. 159)

Este evento fez estragos na região Nordeste e especialmente na Paraíba, que já havia sofrido com os efeitos de uma grande seca na década de 1840. Entre esses dois eventos, aconteceram pequenas estiagens. A “seca” citada por estes autores paraibanos tem seus relatos acompanhados pela dimensão do quanto a população de todo o estado sofreu. em especial. Neste sentido, vale destacar a passagem abaixo encontrada em Almeida (1979):

Tendo durado três anos, já no primeiro eram extensos por tôda a parte os estragos, deslocando-se a população sertaneja em direção aos brejos e litoral, a fim de não morrer de fome e sêde. Noticiando o que se passava em Campina Grande, dizia o correspondente de um jornal da capital “A OPINIÃO”, em outubro de 1877: “A sêca é assombroso, e quem não tiver coração de gêlo não pode deixar de condoer-se do mísero estado em que todos os dias chegavam esses grandes grupos de emigrantes; homens e mulheres, velhos e moços, meninos e meninas; que mais parecem esqueletos andantes, e quase nus andam de porta em porta, a esmolar. O depósito de víveres não chega nem para a metade dêles. (ALMEIDA, 1979, p. 159)

Fato pertinente destacado é a emigração dos paraibanos por causa da seca. A busca era não só por melhores condições de vida, mas também por abundância de água, o deslocamento era feito, então, para as regiões com água, litoral e brejo. Nessa busca, já não se fazia mais sentido ver Campina Grande como acesso à água. Em outro trecho, Almeida (1979, p. 159) descreve que até um dos açudes da cidade já estava quase seco.

[...]o sol é ardentíssimo, as febres continuam a dizimar, principalmente os retirantes, em poucos dias nem água teremos para beber, porque o Açude Nôvo está quase seco, e quem não tiver bom dinheiro para dar por uma carga d'água dos brejos que se mude.

Com o prolongamento da estiagem, queimando as últimas reservas sertanejas, intensificava-se a migração. (ALMEIDA, 1979, p. 159)

A estratégia de açudagem para oferecer água á população e para as atividades econômicas já eram comuns no nordeste naquele período. Em Campina Grande já existiam dois açudes construídos, Açude Velho e o Açude Novo, na primeira metade daquele século com o objetivo de oferecer água para a então Vila Nova da Rainha.

Situação ainda mais delicada viveu a cidade na seca de 1888 que, mesmo de menor magnitude que a anterior, teve os dois açudes secos ao longo do período de estiagem.

Na sêca de 1888, pôsto que menos prolongada, secaram ambos os açudes. O que fez maior falta, causando pânico à população, foi o Açude Velho. Água para as necessidades domésticas era difícil, mas com despesa e trabalho se obtinha. As fontes do Lozeiro, não muito distantes, acudiam aos habitantes nessas emergências. Outras, mais afastadas, para o lado do brejo, serviam de reforço. O Açude Velho é que não tinha sucedâneo, não podia ser substituído. Era imprescindível à vida da cidade, à estabilidade de seu movimento comercial, à continuidade de suas comunicações com o interior da província. (ALMEIDA, 1979, p.119)

Alternativa mais utilizada para o “combate” à seca, a construção de açudes, não conseguiu ser eficiente naquele momento, mas apareceu de forma recorrente na literatura pesquisada. Tal representação social registrada na literatura em defesa da açudagem, acaba por nos explicar a presença de açudes na paisagem de Campina Grande.

Essa visão é reforçada, inclusive, por associação às possibilidades conhecidas em experiências de outros países. Joffily (1892) traz o exemplo dos holandeses e sua forma de conquista do seu território por meio de alternativas com o manejo da água e defende o estabelecimento de uma política efetiva de açudagem.

A Hollanda conquistou ao mar o seu território por meio de diques, serviço que lá merece especial cuidado do governo. Do mesmo modo devia haver entre nós um serviço especial de açudes, com o fim de conquistar o sertão ao devastador flagelo das seccas. (JOFFILY, 1892, p. 190)

O autor continua na defesa desse tipo de ação e mostra as vantagens de serem construídos mais açudes como estratégia para neutralizar os efeitos da seca, segundo ele:

Os açudes têm triplice vantagem de prestar guarda aos animaes, de entreter uma evaporação abundante de partículas aquosas, e por conseguinte de saturar de humidade a atmospheria, e de crear e conservar as plantações que se quizer fazer em torno delles, quer para nutrição e bem estar do homem, ou dos animaes, quer finalmente arborisar o terreno; os açudes, repetimos, devem ser multiplicados em toda a província. (JOFFILY, 1892, p.190)

A alternativa citada pelo autor já era vista em Campina Grande. A experiência da seca de 1824/1825 gerou a necessidade de alguma ação que pudesse fazer com que aquele povoamento conseguisse passar por novos períodos de estiagem. Assim, a construção do Açude Velho já havia sido um marco para o povoamento e para a paisagem da cidade.

A construção do Açude Velho resultou dos estragos causados pela seca que devastou o nordeste em 1824-1825. No depoimento de uma testemunha, Antônio de Araújo Soares, sobrinho do sargento-mor Paulo de Araújo Soares, os prejuízos em Campina Grande foram totais: “nos anos de mil oitocentos e vinte e quatro e vinte e cinco, grassaram nestes sertões terríveis secas que arrasaram os seus habitantes, tanto em bens como até mesmo nas vidas, de sorte que os gados vacum e animais cavaleares quase de todo se extinguiram”. (ALMEIDA, 1979, p.105)

A obra que iria contribuir demais com o combate às secas, e seria a fonte de abastecimento dos habitantes foi assim relatada:

O Açude Velho foi o primeiro reservatório a atender o referido município, construído onde antes havia o “Riacho das Piabas”, no atual centro da cidade. Sua inauguração ocorreu em 1830, mas só veio a ser concluído em 1844, tornando-se naquele momento o maior reservatório público do Planalto da Borborema. (LIMA et al., 2013, p. 17)

O Açude Velho (Figura 1) foi uma obra de tamanha importância sendo a principal fonte de abastecimento da cidade e das regiões mais próximas que lhe cercava, e tamanho também é o engrandecimento dos campinenses quando falam de sua terra, Cabral Filho (2009) traz um relato dizendo que “numa expressão de inegável aprovação a tudo o que presenciara, o repórter de “A União” não tem dúvidas: ‘brevemente ver-se-á ali um dos mais empolgantes logradouros do Nordeste”. Sua importância foi também ressaltada por outros autores:

Após sua inauguração, o Açude Velho exerceu um importante papel como fonte de água para a população não só da “Rainha da Borborema”, mas também das regiões circunvizinhas. O Açude começou pequeno, mas foi ampliado, até adquirir as proporções que possui hoje, com uma área de 250 m<sup>2</sup>. (LIMA et al., 2013, p. 18).

Não devemos deixar de mencionar a existência do Açude Novo durante mais de um século na paisagem de Campina Grande. Problemas estruturais fizeram com que ele fosse aterrado na segunda metade do século XX e deixasse de existir como corpo hídrico. Sobre sua construção, Almeida (1979, p.117) traz que:

Não se sabe ao certo em que ano foi construído o Açude Novo, nem a quem se deve a iniciativa da sua realização. O que não padece dúvida é que ficou terminado na década de 1830, pois em 1840 já estava a precisar de reparos, como atestam algumas leis provinciais.



**Figura 1** - Açude Velho. Fonte: RETALHOS Históricos de Campina Grande, 2018.

Apesar de ser menos mencionado nas obras analisadas e atualmente não mais existir, foi importante para o abastecimento dos habitantes, inclusive era reservatório de água de melhor qualidade do que a do Açude Velho. Assim, foram dois açudes construídos em períodos próximos e que se tornaram os principais mananciais de abastecimento de água para a cidade.

Mesmo com a existência dos açudes, a população se utilizava de outras alternativas para terem acesso à água, retiravam de pequenos reservatórios diretamente ou utilizavam os serviços do “agueiro” (Figura 2), pessoa encarregada de fazer o transporte da água retirada do Riacho das Piabas até as casas das pessoas.

[...] o abastecimento de água da maioria da população ainda permanecia deficitária, exemplo disso era a importante função do “agueiro”, responsável por transportar água no lombo de jumentos, passeando por toda extensão urbana, com a água colhida, principalmente, do Riacho das Piabas. A concentração da tropa (foto abaixo) acontecia próximo à Feira Central. (LIMA et. al., 2013, p. 19).



**Figura 2** - Agueiros reunidos nas proximidades da feira Central, na década de 1930. Fonte: LIMA et. al., 2013.

Aos poucos Campina Grande foi crescendo. No início do século XX, a dinâmica econômica gerada pelo algodão promoveu a chegada da linha férrea à cidade, o crescimento da população e a consequente demanda por água. Assim, havia a necessidade de criação de novas alternativas de abastecimento, inclusive para prover as novas atividades industriais surgidas naquele período.

A inauguração da linha férrea em Campina Grande, em 1907, o que estava previsto: a cidade entrou rapidamente a crescer, o comércio a expandir-se, a população advém a avolumar-se. Agravou-se o problema da escassez de água. Os dois açudes existentes, o Velho e o Nôvo, já não bastante. Urgia a construção de outro reservatório. (ALMEIDA, 1979, p. 351)

A água surge, então, como elemento imprescindível para o símbolo da modernização da economia da cidade com a chegada das indústrias têxteis e outras. Assim, a paisagem da cidade passa a ter um novo elemento quando é construído o Açude de Bodocongó. O barramento do Riacho de Bodocongó para a construção do novo açude foi assim justificado:

Eram três os riachos. Cabia ao diretor do IFOCS escolher o mais conveniente e o local apropriado à construção da barragem. O Piabas já estava interrompido e mal chegava para sustentar o Açude Velho; o Riachão ficava na zona agrícola, não convindo prejudica-la; restava o Bodocongó, o mais volumoso (quando chovia), inteiramente livre, oferecendo pontos excelentes para a formação do açude, o problema simplificava-se. (ALMEIDA, 1979, p.351)

Após a construção do novo açude, a crise por água não foi extinta na cidade. Pelo seu teor de salinidade, o Bodocongó pouco contribuiu para o abastecimento das residências. No entanto, a cidade passa a se expandir em direção à saída para o sertão com o surgimento de indústrias que passaram a utilizar a água do Açude.

Não serviu, é verdade, para o abastecimento da cidade, dado o elevado teor de salinidade da água acumulada. Não dirimiu a crise da água potável. [...] Se não prestou serviços imediatos, tornou-se mais tarde o fator decisivo da formação de um nôvo bairro, o bairro industrial, que tanto está correndo para o enriquecimento e a propagação do nome de Campina Grande. (ALMEIDA, 1979, p.356)

A representação da água na sociedade campinenses vai aos poucos sendo modificada e os corpos hídricos passam a prestar serviços ambientais diferentes dos originais. Em algum tempo, a proximidade da água permitia o abastecimento, ao longo do século XX, no entanto, as águas urbanas passam a ser destino de rejeitos domésticos e industriais. Mesmo o Bodocongó, mais recente dos açudes da cidade, passou a ter esse tipo de uso.

[...] este açude também perdeu seu caráter original de abastecimento, tornando-se, como o Açude Velho, um depósito residual de esgotos provenientes tanto das empresas que existiam em seu entorno, como os domésticos gerados pela população. (LIMA et al., 2013, p. 20)

No entanto, as águas como destino de efluentes e resíduos já era percebida em tempos anteriores. A paisagem do Açude Velho já tinha essa marca e esse tipo de uso já era identificado, como relatado por Almeida (1979, p. 113): “Além dos outros benefícios, servia o Açude Velho de banheiro público, principalmente para homens. Havia dispositivos municipais regulando o uso, visando a evitar licenciosidade e infrações à decência”.

Acompanhando uma visão que opunha a presença da água limpa na cidade e a modernidade da sociedade do século XX, muitas ações foram realizadas também junto aos riachos da cidade. Da mesma forma que ocorre em muitas cidades do Brasil, a cidade precisava crescer e dar espaço para os automóveis e o aumento no número de vias. As pistas marginais aos rios também foram utilizadas em Campina Grande, ao mesmo tempo em que se retificava os cursos naturais com a diminuição dos meandros dos rios. Essa ação estava acompanhada também da ideia de que as águas, agora sujas e como vetor de doenças, precisavam ser escoadas o mais rápido possível da cidade. A canalização do Riacho das Piabas, que se localiza em boa parte do centro da cidade, vai nesse sentido da perspectiva higienista de construção da cidade. Como assinala Costa, Lima e Santos (2013, p. 94): “Em 1965 a cidade canalizou o Riacho das Piabas, considerado sua única fonte de água doce, e ampliou gradativamente a malha viária, impermeabilizando o solo e derrubando árvores para atender demandas de expansão do espaço urbano”.

Assim, encontramos marcas na paisagem dessa nova forma de representação das águas na cidade. A construção da cidade e de sua paisagem passa, portanto, pelas formas que a sociedade vê suas águas. Se por longo período, a presença da água na cidade foi elemento possibilitador da vida, em outros períodos, a água passa a ser vista como destino de rejeitos e vetor de doença. Valorizada ou negada, a forma de que vemos o elemento água na cidade estabelece construções que marcam a realidade espacial atual de Campina Grande.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trazer a Geografia Histórica como tema principal desde trabalho foi um grande desafio. A maior preocupação desta abordagem é a perpetuação das memórias dos lugares. Mas não somente a memória

de como era, mas busca-se destacar o processo de transformação da paisagem. Quando os elementos foram construídos, como a cidade se modificou a partir de determinado elemento, que muitas vezes ficam marcados na paisagem, alguns permanecem nela num dado tempo e são apagados, ficando apenas nas memórias. Em geral, nos estudos sobre as cidades, não houve grande preocupação em analisar como o ser humano modificou o seu espaço ao longo do tempo, e o seu reflexo na sociedade de hoje.

Outro grande desafio do trabalho foi fazer o resgate geohistórico de Campina Grande e suas águas. Os autores pesquisados trazem sobre a história da cidade do final do século XIX e início do século XX algumas aproximações de sua paisagem, mas em diversas passagens ressaltam a importância da água para esse lugar. A vila, local de passagem de viajantes, se tornou local importante pela presença da água. Não se imaginava que 150 anos depois, a sociedade teria optado por não mais reconhecer essa importância.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. In: **Escritos sobre espaço e história/** Organização Fania Fridman, Rogério Haesbert. 1. Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p. 27-54.
- ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande.** Campina Grande-PB. Edições da Livraria Pedrosa, 1979.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História/** Severino Cabral Filho. Campina Grande, EDUECG, 2009.
- CARVALHO, L.E.P. **Os Descaminhos das Águas no Recife: a socionatureza dos rios urbanos.** Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós Graduação em Geografia. Recife, 2011.
- JOFFILY, Irineo. **Notas sobre a Parahyba.** Brasília: Thesaurus. 1892.
- LIMA, Rosilene Silva A. de. BURITI, Catarina de Oliveira. BEZERRA, Hallyson Alves. PATRÍCIO, Maria da Conceição Marcelino. Abastecimento de água em Campina Grande (PB): um panorama histórico. In: **Campina Grande hoje e amanhã/** Antônio Guedes Rangel Junior; Cidoval Moraes de Souza. – Campina Grande: EDUEPB, 2013, P. 15-28.
- SILVA, L. M. T. **Trajetoórias pela Geografia Histórica. IN: BEZERRA, Amélia Cristina Alves et all (orgs) Itinerários Geográficos.** Niterói: Eduff, 2007. P. 71-84.
- RETALHOS Históricos de Campina Grande. Disponível em: < <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>> Acesso em: 01 out. 2018.